



## Capelas com planta centralizada no Nordeste do Brasil: entre a tradição portuguesa e a tratadística italiana

Maria Berthilde Moura Filha

### Introdução

Nosso objeto de estudo surgiu da observação de quatro capelas localizadas nos estados da Bahia e Paraíba, edificadas sob o partido de planta centralizada, entre o final do século XVI e o início do século XVIII. São elas: na Bahia, Nossa Senhora da Conceição que integra o conjunto edificado da Casa da Torre de Garcia D'Ávila; Nossa Senhora da Pena que foi parte do Engenho Velho do Paraguassú; Senhor Bom Jesus de Bouças remanescente do Engenho D'Água. Na Paraíba, a Capela de São Gonçalo, pertencente ao antigo Engenho Una, posteriormente denominado Nossa Senhora do Patrocínio.

Estas capelas têm em comum as seguintes características: foram edificadas por iniciativa de particulares, estão situadas na área rural associadas a outras edificações de porte, seja uma casa senhorial ou um engenho de açúcar e, principalmente, foram concebidas sob o partido de planta centralizada. Devido a estas características formam um conjunto significativo na arquitetura religiosa brasileira e uma exceção diante do reduzido número de exemplares que apresentam tal partido.

Algumas têm em comum, também, o reconhecimento como patrimônio nacional, valor que lhes foi atribuído pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan. Receberam a atenção desta instituição as capelas de Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Pena e São Gonçalo, protegidas, respectivamente, em 1938, 1943 e 1955.

É importante recordar que o Iphan foi criado no ano de 1937, tendo por meta identificar e proteger um acervo patrimonial capaz de “expressar a nacionalidade” brasileira. Nas primeiras décadas de sua existência, denominadas a “fase heróica”, se deteve, quase exclusivamente, sobre a proteção de obras de “excepcional valor histórico e artístico”, referente ao período do Brasil colonial, constituído, em sua grande maioria, pela arquitetura religiosa produzida entre os séculos XVI e XVIII.

O fato das capelas em estudo integrarem o acervo preservado na “fase heróica” do Iphan revela que foram consideradas importantes para a configuração do patrimônio nacional, sendo colocadas ao lado de significativos exemplares da arquitetura religiosa brasileira. Em contrapartida, as mesmas foram pouco valorizadas pelos historiadores da arquitetura brasileira, em particular por aqueles que primeiro trataram

sobre a matéria, entre as décadas de 1930 e 1960, enquanto os estudos posteriores lhes dedicaram alguma atenção.

Verificamos ser recorrente nesses estudos as hipóteses sobre os modelos de referência para concepção destas capelas: ora foram associadas a edifícios similares em Portugal, ora foi sugerida uma influência italiana, em particular através de uma assimilação do tratado de Serlio. No entanto, nenhum dos estudos identificados aprofundou na busca de respostas para esta questão, fato que norteou o objetivo da nossa pesquisa.

Sendo assim, tomamos por meta verificar a significação e excepcionalidade deste tipo edificado no conjunto da arquitetura religiosa produzida na Região Nordeste do Brasil. E, principalmente, avançar sobre as hipóteses já levantadas acerca da origem desta arquitetura, verificando a pertinência dos dois percursos sugeridos: associar a linguagem formal destas capelas a uma transferência de modelos oriundos de uma “tradição popular” portuguesa, ou associá-las a uma vertente “erudita” filiada à permanência da tratadística italiana em Portugal.

Perante nossos objetivos, definimos o fio condutor para a análise proposta. Princípios por situar historicamente este conjunto de edificações e descrevê-las tipologicamente. Em seguida, através de uma revisão de literatura, revelamos como estas capelas comparecem, ou não, nos primeiros estudos sobre a história da arquitetura brasileira, e como foram trabalhadas nas pesquisas mais recentes. Estes são os subsídios necessários para atingir o nosso objetivo principal que é relacionar esta arquitetura com a produção coeva em Portugal.

Desde já, fazemos algumas ressalvas sobre os obstáculos que se colocam perante a investigação. O primeiro destes foi referido por Robert Smith, em artigo publicado em 1979. Trata-se da dificuldade de estudar a arquitetura da Região Nordeste, anterior à segunda metade do século XVII, devido à destruição causada durante o período de ocupação holandesa e as posteriores reconstruções deste acervo edificado. Observou Smith que, nesta região, com raras exceções, “Não se encontra monumento algum, antes da última parte do século XVII, cujo exterior se conserve mais ou menos intacto”<sup>1</sup>.

O segundo obstáculo também tem reflexos significativos sobre o resultado da pesquisa, que enfrentou a extrema escassez de referências bibliográficas, tanto sobre a história quanto sobre a arquitetura das capelas em estudo, para além da quase inexistência de fontes documentais.

Superadas estas limitações, apresentamos o produto da investigação, principiando por situar nosso conjunto de capelas na realidade específica do Nordeste brasileiro, durante o período em análise.

## **1. Apresentando o objeto da análise**

Os estudos sobre a arquitetura religiosa no Brasil contemplam, principalmente, o século XVIII, considerado o período mais profícuo desta produção artística. Sendo reduzido o acervo edificado remanescente dos séculos XVI e XVII, poucos são, também, os estudos sobre aquele período que Bazin associou às “origens e tradições da arquitetura religiosa no Brasil”<sup>2</sup>.

Esta observação é pertinente ao se verificar a época de construção das capelas em análise, situadas entre o final do século XVI e o início do século XVIII. Portanto, o recorte temporal definido pela datação destas capelas, coloca nossa investigação à margem do período mais estudado, limitando o acervo de informações disponíveis em pesquisas anteriores, ao que se soma a difícil tarefa de trabalhar com a arquitetura rural, tão pouco contemplada na história da arquitetura brasileira. Ultrapassando tais percalços, foram estes os dados recolhidos.

1 SMITH, 1979: 25.

2 BAZIN, 1983.

## 2. As Capelas: cronologia e contexto histórico

Principiamos pela única destas capelas datada do século XVI: Nossa Senhora da Conceição, que compõe o conjunto da Casa da Torre de Garcia D'Ávila, localizada em Tatuapara, município de Mata de São João, a cerca de 50 Km da cidade de Salvador, na Bahia.

Garcia D'Ávila, natural de São Pedro de Rates, chegou à Bahia, em 1549, acompanhando Tomé de Sousa, primeiro Governador Geral do Brasil, que o nomeou “feitor e almoxarife da Cidade do Salvador e da Alfândega”. Em 1561, recebeu uma extensa sesmaria que abrangia o litoral, desde Itapuã até Tatuapara, sítio onde ergueu a Casa da Torre, para ser a sede do seu morgado. Dali comandava o desbravamento de grandes áreas do sertão através da implantação de fazendas de gado, atividade que o fez conhecido como o homem mais poderoso da Bahia<sup>3</sup>.

A construção desta casa ocorreu em três etapas. A primeira, por volta de 1570, compreendendo a capela de planta hexagonal e a pequena casa anexa, voltadas para o poente, erguidas pelo próprio Garcia D'Ávila, com arquitetos, pedreiros e estucadores vindos da Europa. Uma segunda etapa ocorreu, provavelmente, entre 1660 e 1676, verificando-se mais outro acréscimo, já desaparecido, que teria sido iniciado em 1716<sup>4</sup>. Tratando especificamente da capela, acrescentou Baldessarini que as descrições deixadas por Fernão Cardin e Gabriel Soares evidenciam sua existência e funcionamento, desde 1586<sup>5</sup>. Disse Fernão Cardin ser ela “a mais formosa que há no Brasil, feita toda de estuque e tintim de obra maravilhosa de molduras, laçarias e cornijas; é de abóbada sextavada com três portas”<sup>6</sup>.

Por sua vez, Gabriel Soares de Sousa assim se referiu ao sítio de Tatuapara: “Aqui tem Garcia D'Ávila, que é um dos principais e mais ricos moradores da cidade de Salvador, uma povoação, com grandes edifícios de casas de sua vivenda, e uma igreja de Nossa Senhora, mui ornada, toda de abóbada, em a qual tem um capelão que lhe administra os Sacramentos”<sup>7</sup>.

A Casa da Torre foi a sede das atividades da família, até 1805, quando faleceu Garcia D'Ávila Pereira Aragão, sem deixar um descendente varão. O Morgado da Torre passou, então, para os Pires de Carvalho e Albuquerque, até quando, em 1835, foram extintos os morgados no Brasil, sendo a casa abandonada, com exceção da capela que continuou em uso pela comunidade local.

É importante atentar que entre as capelas aqui estudadas esta é a única que não está associada a um antigo engenho de açúcar, situação que caracteriza todas as demais e demonstra a importância da cultura açucareira no Nordeste do Brasil, durante todo o período colonial. A relevância dos engenhos para a economia da região pode ser aferida através da constante referência a estes nas descrições de época. Assim, em 1570, registrou Pero de Magalhães Gandavo que havia cerca de sessenta engenhos ao longo da costa brasileira, estando mais de dois terços localizados nas capitanias da Bahia e Pernambuco<sup>8</sup>.

Na realidade do Nordeste, no período colonial, alguns engenhos de açúcar eram mais importantes do que as próprias vilas, superando-as enquanto núcleos de população e de produção. Para entender esta organização é significativo o seguinte comentário quanto ao fato dos “clérigos vinculados à capela de um engenho serem invariavelmente mais bem pagos que aqueles que serviam nas igrejas das vilas”<sup>9</sup>.

Enquanto estrutura edificada, um engenho de açúcar era constituído, principalmente, pela casa grande, a capela e a fábrica, havendo ou não a senzala. Algumas características predominavam na organização espacial

3 CALMON, 1983: 23-29.

4 AZEVEDO, 2010: 133.

5 BALDESSARINI, 2001: 104.

6 CARDIN, 1939: 266.

7 SOUSA, 2000: 33.

8 GANDAVO, 1980.

9 JOHNSON in BETHELL, 2004: 278.

destes edifícios, embora ocorressem variações, a depender da região em que estava localizado o engenho, ou de sua época de construção. Mas em geral, a fábrica ocupava a parte mais baixa do terreno, favorecendo o aproveitamento de cursos de água como força motriz. Em nível mais elevado ficava a casa grande, possibilitando o domínio visual das atividades manufatureiras por parte do senhor de engenho. O caráter simbólico da capela era evidenciado pela sua localização, acima ou no mesmo nível da casa grande<sup>10</sup>.

Observa-se que a fragilidade ou durabilidade desses edifícios resultava, muitas vezes, do seu valor simbólico. Sendo assim, foram as capelas que mais resistiram ao tempo, permitindo conhecer o tipo de arquitetura religiosa produzida no meio rural no Brasil, a exemplo destas a seguir referidas.

A Capela de Nossa Senhora da Pena integrou o Engenho Velho do Paraguaçu, localizado à margem do rio de mesmo nome, no município de Cachoeira, na Bahia. Havendo controvérsias sobre o início da ocupação desta região, há consenso que isto ocorreu a partir da construção de engenhos, que acabaram por induzir a formação de um núcleo de povoamento no local, onde foi fundada a Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, em 1698. Foi favorável ao desenvolvimento econômico da vila a sua localização estratégica, na margem do Rio Paraguaçu e junto a um entroncamento de rotas que ligavam o Recôncavo Baiano, à região das minas, ao sertão e a Salvador<sup>11</sup>.

No termo desta vila está a região do Iguape, onde havia um grande número de engenhos, entre os quais, o Engenho Velho, apontado como o primeiro a se instalar em terras da Vila de Cachoeira. Este foi saqueado e destruído, em 1638, juntamente com outros do Recôncavo, devido aos sucessivos conflitos entre os naturais da terra e invasores holandeses, que assediaram a Bahia entre 1627 e 1645, em muito prejudicando a produção açucareira<sup>12</sup>. Encerrado este período, a produção ganhou impulso na Bahia, datando desta época a reconstrução do Engenho Velho e a construção da atual capela que tem gravada na portada o ano da sua conclusão, 1660<sup>13</sup>.

Em uma região do Recôncavo Baiano, também consolidada a partir da cultura açucareira, está a Capela do Senhor Bom Jesus de Bouças que integrava o Engenho D'Água, inserido no atual município de São Francisco do Conde. O início da colonização desta área está associado ao Engenho do Conde, implantado por Mem de Sá, governador geral do Brasil, entre 1558 e 1572<sup>14</sup>. Relevante para a história do lugar foi a fundação de um convento franciscano, em terras doadas à Ordem, em 1629. Com a consagração do convento, em 1636, o número de moradores cresceu, constituindo a povoação do "Sítio de São Francisco", elevada à condição de vila, em 1698<sup>15</sup>.

Sobre o Engenho D'Água há poucas informações históricas. Em meados do século XVII, quando foi construída a capela, era seu proprietário Gaspar de Faria Bulcão, natural da Ilha do Faial. Com a morte deste, a propriedade permaneceu com seus herdeiros, pois um dos descendentes da família, Baltazar da Costa Bulcão, reconstruiu a capela da propriedade, em 1763, sendo sepultado na mesma, em 1796<sup>16</sup>. Esterzilda Azevedo observa não ser possível confirmar até que ponto a atual capela reproduz a forma primitiva, mas em seu estudo sobre os engenhos da Bahia, a classifica como uma capela de planta octogonal edificada no século XVII<sup>17</sup>.

Passando a tratar sobre a capela do Engenho Una localizada na Paraíba, observa-se a ligação desta com a própria colonização da capitania, fundada para ser um dos pontos de apoio para o processo de ocupação e

10 GOMES, 1998: 24.

11 ANDRADE, 2010: 129, 234.

12 AZEVEDO, 1990: 103.

13 BAHIA, 1982a: 122.

14 FONSECA, 1975: 8.

15 OTT, 1984: 62.

16 BAHIA, 1982b: 186.

17 AZEVEDO, 1990: 122.

defesa do litoral nordestino. Neste contexto, a vertente econômica não foi desconsiderada, e assim se referiu Gabriel Soares de Sousa ao potencial da região: “Este rio da Paraíba é muito necessário fortificar-se, a uma por tirar esta ladroeira dos franceses dele, a outra por se povoar, pois é a terra capaz para isso, onde se podem fazer muitos engenhos de açúcar”<sup>18</sup>.

Assim, a várzea do Rio Paraíba, agregou um conjunto de engenhos significativos, edificados desde 1587, data da implantação do “engenho de assucar d’El-Rei”, o primeiro da Paraíba<sup>19</sup>. Estes proliferavam quando, em 1634, a capitania ficou sob poder dos holandeses que deram continuidade à produção do açúcar. Em 1654, após as guerras que restabeleceram o poder português na região, muitos engenhos estavam destruídos, tendo início um período de reconstrução que se estendeu pela segunda metade do século XVII.

Inserido nesta realidade estava o Engenho Una, então denominado de São Gonçalo, cuja origem, provavelmente, foi uma sesmária doada a João Afonso Pamplona, em 1586, junto à foz do Rio Una, que integra a bacia hidrográfica do Rio Paraíba. Há referência que, em 1623, este engenho já existia; em 1639, era considerado o maior produtor de açúcar da região, possuindo duas moendas e, em 1683, pertencia a Francisco do Rego Barros, que foi vereador e presidente da Câmara de Olinda<sup>20</sup>.

A capela deve ter sido edificada pelo mestre-de-campo Matias Soares Taveira e tem inscrita na fachada o ano de 1700, atribuído à sua conclusão. Porém, como tal inscrição foi aposta em 1913, é possível que ela situe, aproximadamente, a data de construção da capela, que pode ter sido um pouco posterior, considerando o longo intervalo de tempo transcorrido entre 1700 e 1776, data registrada na lápide de sepultamento de Taveira, existente no interior da capela<sup>21</sup>.

### 3. As capelas: caracterização arquitetônica

Antes de avançar com a descrição individual, cabe antecipar algumas características que lhes são recorrentes, para além do partido em planta centralizada.

A imagem destas capelas transmite a solidez própria da alvenaria autoportante, que lhes proporcionou a longevidade e a confirmação do valor simbólico que tiveram para a sociedade rural, no período colonial.

Todas têm um programa muito simples, constituído, basicamente, de nave, capela-mor e sacristia, ora acrescido de um coro, ora de um alpendre. Quanto à linguagem formal, estudos anteriores identificam uma aproximação com o estilo chão português, reproduzindo características como a singeleza dos elementos arquitetônicos, as proporções pesadas, a austeridade desornamentada. No entanto, não cabe avançar, de imediato, com uma classificação estilística destes edifícios sem aprofundar em suas filiações com a produção coeva em Portugal.

Por ora, nos apropriamos de uma idéia expressa por Juliano Carvalho, para caracterizar este tipo de arquitetura religiosa rural: “trata-se de uma arquitetura simples, mas não simplória”<sup>22</sup>.

### 4. 1 Capela de Nossa Senhora da Conceição – Casa da Torre de Garcia D’Ávila

A casa e capela estão implantadas em um sítio elevado com vista para o mar, ao leste, mas tendo a fachada principal voltada para oeste, por onde se tem acesso a este conjunto. Os materiais e sistemas construtivos

18 SOUSA, 2000: 16.

19 SUMMARIO, 1848: 98.

20 CARVALHO, 2005a: vol. 2, 120.

21 SOUSA, 2007: n.n.

22 CARVALHO, 2005b: 38.

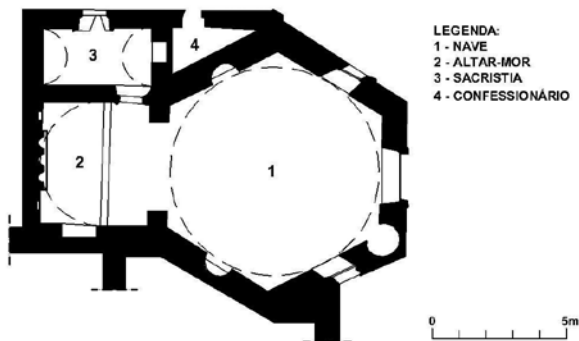


Figura n.º 1  
 Capela de Nossa Senhora  
 da Conceição  
 Casa da Torre de Garcia D'Ávila  
 1A: Planta Baixa  
 Fonte: BAHIA, 1982b: 90  
 1B: Vista  
 Fotografia: Mariely Cabral de  
 Santana  
 Desenho: Gabriela Pontes

marcam as distintas etapas da sua edificação: a primeira, formada pela capela e três salas contíguas, em alvenaria autoportante de tijolo, recoberta por abóbadas do mesmo material; o resto do conjunto constituído por muros de alvenaria de pedra, de época posterior<sup>23</sup>.

Integram a capela quatro ambientes: nave, capela-mor, sacristia e confessionário. A nave tem planta hexagonal e coberta em cúpula apoiada sobre pendentes, recoberta externamente com telha cerâmica. Por um arco cruzeiro, liga-se à capela-mor em absíde, inserida em um volume edificado de forma regular e com pé direito mais baixo. À direita desta capela está a sacristia que constitui, junto com o confessionário, um bloco anexo e com altura mais reduzida (Figura n.º 1A).

As portas de acesso à nave estão situadas nas três faces do hexágono voltadas para o poente, sendo uma porta principal de maiores dimensões, ladeada por outras duas, mais baixas. Internamente, não há elementos integrados relevantes, pois os altares são simples nichos, tendo destaque apenas a pintura decorativa destes, das cúpulas e do arco cruzeiro. Sacristia e confessionário têm portas para o exterior e se interligam por um pequeno vão para comunicação entre o fiel e o padre.

Externamente, prevalece a simplicidade das paredes brancas sem marcação de outros elementos, como pilastras e cornijas, mas denotam-se proporções que dão elegância ao volume edificado (Figura n.º 1B).

23 BAHIA, 1982b: 90.

#### 4. 2 - Capela de Nossa Senhora da Pena – Engenho Velho

Está implantada na encosta de uma elevação, havendo próximas as ruínas da casa grande, a qual se liga por meio de um corredor, e a fábrica, situada em uma cota mais baixa do terreno.

Ao inserir esta capela entre aquelas que têm o partido da planta centralizada, observa-se que tal característica reporta-se à disposição de sua nave quadrada que sustenta, por intermédio de pendentes, uma cúpula, revestida externamente com telha cerâmica. Um generoso arco-cruzeiro interliga a nave à capela-mor, em forma de absíde, mas inserida em um volume regular que externamente não revela esta forma, evidente apenas na coberta da meia cúpula. Ladeando a capela-mor estão duas sacristias, que compõem volumes independentes daquele da nave, com pé direito mais baixo e telhados de três águas. A presença das sacristias faz com que, no conjunto, a capela tenha uma planta em forma de “T”, muito comum na arquitetura religiosa da Bahia, no século XVII<sup>24</sup> (Figura n.º 2A).

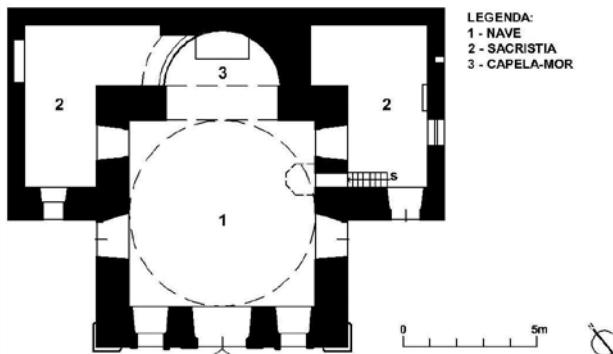


Figura n.º 2  
 Capela de Nossa Senhora da Pena  
 Engenho Velho - Bahia  
 2A: Planta Baixa  
 Fonte: BAHIA, 1982 a: 122  
 2B: Vista  
 Fotografias: Anibal Bittencourt,  
 Escritório Técnico do IPHAN –  
 Cachoeira  
 Desenho: Gabriela Pontes

24 AZEVEDO, 1990: 122.



Quanto ao sistema construtivo, o edifício tem paredes autoportantes de alvenaria mista de pedra e tijolo que suportam as cúpulas de tijolo da nave e capela-mor e os telhados das sacristias. Internamente, a nave e a capela-mor são completamente revestidas de azulejos de tapete, com um diferencial na meia cúpula da capela-mor, onde estes azulejos são intercalados com brancos, sobre os quais há vestígios de pintura dourada. O piso da nave, em azulejos e ladrilhos vermelhos, reproduz a decoração em estuque da cúpula. São em cantaria o arco-cruzeiro, a base do altar, a bacia e escada do púlpito e o lavabo<sup>25</sup>.

Externamente, o volume principal da capela está delimitado por cunhais terminados por pináculos piramidais. Em seu frontispício tem destaque a portada, em arco pleno, encimada por um frontão clássico e ladeada por duas janelas baixas de vergas retas. No mesmo eixo da portada, sobre a cornija, está o arco sineiro, com frontão triangular. Todos estes elementos arquitetônicos, em cantaria, se destacam sobre a alvenaria branca, predominante (Figura n.º 2B).

### 4.3 - Capela do Senhor Bom Jesus de Bouças – Engenho D'Água

Situa-se na eminência de uma colina, estando precedida por um cruzeiro de madeira fincado sobre base de alvenaria. Sua planta é constituída por uma nave octogonal recoberta por telhado de oito águas, circundada por um anel com pé direito mais baixo, que reproduz a mesma forma e abriga os demais ambientes que envolvem o corpo central. São estes: um alpendre, que ocupa três lados do octógono, tendo a cobertura sustentada por colunas toscanas com pedestais; do lado esquerdo da nave está a sacristia, e do lado direito, o ossuário, ambos com portas que comunicam com o alpendre. Completa este anel periférico a capela-mor, de planta retangular, com telhado de duas águas que se situa em nível intermediário em relação às demais cobertas (Figura n.º 3A).

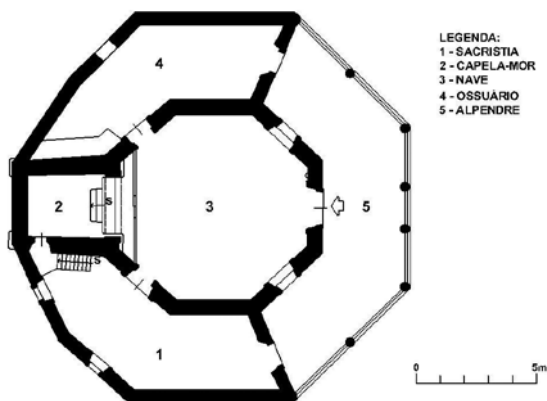


Figura n.º 3  
 Capela do Senhor Bom Jesus  
 de Bouças  
 Engenho D'Água - Bahia  
 3A: Planta Baixa  
 Fonte: BAHIA, 1982a: 185  
 3B: Vista e Alpendre  
 Fonte: BAHIA, 1982a: 186  
 Desenho: Gabriela Pontes

25 BAHIA, 1982a: 122.

Externamente, predomina em sua imagem a solidez das paredes autoportantes, em alvenaria mista de pedra e tijolo, sendo o interior, também, de grande simplicidade, sem elementos integrados significativos. A nave capta luz através de sete óculos situados acima do telhado do anel periférico. É provável que a primitiva capela fosse constituída pela nave e capela-mor, tendo sido acrescida de sacristia, ossuário e alpendre, em 1763, quando foi reconstruída. Esta hipótese é fortalecida quando se observa os diferentes beirais dos dois corpos da construção: o corpo central, em beira-seveira, e o anel periférico e capela-mor com terminação em cimbalhas (Figura n.º 3B).

#### 4.4 - Capela de São Gonçalo – Engenho Una

Encontra-se completamente isolada, tendo próximas a casa grande, uma construção bem mais recente, e algumas casas de moradores salteadas na paisagem. Sobre ela registrou Rodrigo Melo Franco de Andrade: “o volume da capela tem qualquer coisa de insólito, assim pela forma sextavada como, sobretudo, pelo destaque de sua portada de cantaria, opulentemente decorada”<sup>26</sup>.

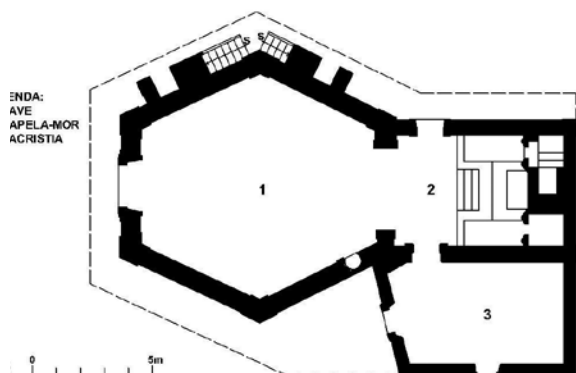


Figura n.º 4  
 Capela de São Gonçalo  
 Engenho Una - Paraíba  
 4A: Planta Baixa  
 Fonte: CARVALHO, 2005a,  
 Vol.2: 119  
 4B: Vista e Portada  
 Fotografia: Maria Berthilde  
 Moura Filha, 2010  
 Desenho: Gabriela Pontes

Está constituída de nave, capela-mor e uma sacristia situada à direita desta. A nave tem forma de hexágono ligeiramente alongado sobre o eixo que conduz à capela-mor, retangular e relativamente profunda. Assim, ao observar o interior deste conjunto se tem a leitura de um espaço longitudinal, quebrando parcialmente a presença da planta centralizada.

Anexas ao lado esquerdo do volume hexagonal da nave, existem duas escadarias, uma de acesso ao coro e outra que leva ao púlpito. Provavelmente, foram edificadas durante a reforma de 1913, embora já existissem antes, em particular a do coro, tendo sido então substituídas<sup>27</sup> (Figura n.º 4A).

Externamente, o volume da nave tem os vértices do hexágono marcados por pilastras, e a linha de coroaamento por uma cornija, todos em cantaria. Tem destaque a portada, também em cantaria, bem ornamentada, com verga reta e frontão interrompido. Originalmente, a cobertura era em telha cerâmica, talvez com seis águas, mas foi substituída pela atual cúpula, provavelmente, em uma reforma executada, em 1913, que também introduziu a platibanda<sup>28</sup> (Figura n.º 4B).

A capela-mor está coberta por telhado em duas águas, encerrado em beira-seveira, havendo cunhais que delimitam sua fachada posterior, o que caracteriza o volume da sacristia como resultado de um acréscimo desprovido deste requinte construtivo.

Ao observar a imagem do volume hexagonal desta capela, com o contraste entre a alvenaria branca e os elementos estruturais/decorativos em cantaria, associa-se esta solução àquela da Capela de Nossa Senhora da Pena, induzindo um paralelo entre ambas.

Concluindo a análise formal destas quatro capelas confirma-se a presença da planta centralizada ao longo de um longo período, que abarca desde o século XVI até a entrada do século XVIII: Nossa Senhora da Conceição, 1570; Nossa Senhora da Pena, 1660; São Gonçalo, 1700; Senhor Bom Jesus de Bouças, edificada no século XVII e reconstruída em 1763.

Embora constituam, sob o aspecto formal, uma exceção no universo da arquitetura religiosa produzida no meio rural, na Região Nordeste do Brasil, a presença destas capelas demonstra que o uso da planta centralizada não estava restrito a um determinado tempo, mas pontuou todo o período colonial se revelando em situações específicas. No entanto, considerando o programa e distribuição espacial, constata-se que não fogem ao padrão das demais edificadas no mesmo período.

Alguns estudos permitem situar o partido arquitetônico adotado nestas capelas em relação às soluções encontradas na arquitetura rural do Nordeste, na mesma época. Assim, Esterzilda Azevedo ao observar os engenhos localizados na Bahia, demonstrou que, entre as capelas remanescentes do século XVII, ocorrem os seguintes tipos: o partido em “T”, que é predominante e está presente na Capela de Nossa Senhora da Pena; as capelas com galerias laterais simples ou alpendradas, que não comparecem no conjunto em análise; e o único exemplar de planta octogonal e avarandada, a Capela de Bom Jesus de Bouças, que repete a forma poligonal da Capela de Nossa Senhora da Conceição, remanescente do século XVI<sup>29</sup>.

Por sua vez, a pesquisa de Geraldo Gomes acerca dos engenhos de Pernambuco, é relevante devido à influência que esta arquitetura exerceu sobre aquela produzida na Paraíba. Observa que entre as capelas dos engenhos pernambucanos apenas comparecem as formas longitudinais e retangulares, classificadas por Gomes em três grupos de partido arquitetônico. Destes, apenas um é pertinente às capelas em estudo: o tipo com programa mais reduzido, constituído de nave e capela-mor, contidas em volumes distintos, tendo em alguns exemplares uma sacristia<sup>30</sup>.

27 SOUSA, 2007: n.n..

28 CARVALHO, 2005a: vol. 2, 119.

29 AZEVEDO, 1990: 125.

30 GOMES, 1998: 107 -115.

Abstraindo a forma hexagonal, vê-se que a Capela de São Gonçalo reproduz este tipo edificado, embora a sacristia tenha sido anexada posteriormente. Foi caracterizada por Juliano Carvalho como um exemplar do estilo chão, com alterações decorrentes dos acréscimos ocorridos no início do século XX. Esta avaliação resulta do estudo que o autor desenvolveu, tendo por objetivo criar uma periodização para a arquitetura religiosa produzida na várzea do Rio Paraíba, entre a segunda metade do século XVII e o século XVIII<sup>31</sup>.

São estes alguns dos escassos estudos que trataram, especificamente, sobre a arquitetura rural no Nordeste brasileiro, sendo as principais referências para o desenvolvimento da nossa análise. É importante frisar que podemos extrair de Esterzilda Azevedo e Geraldo Gomes, parâmetros para entender a organização espacial destes edifícios, enquanto Juliano Carvalho nos fornece um dos poucos subsídios sobre a linguagem formal desta arquitetura.

No entanto, outros trabalhos também fornecem informações pontuais e diretrizes para avançarmos com o objetivo de identificar em nossas capelas traços da arquitetura portuguesa, ou resquícios da tratadística italiana que chegou ao Brasil, no século XVI e XVII através de Portugal.

## 5. A História da Arquitetura Religiosa no Brasil e as capelas de planta centralizada

Dois renomados historiadores da arte fornecem o ponto de partida para entendermos os percursos dos estudos sobre a arquitetura religiosa no Brasil, levando a confirmar a pouca atenção dada, durante muito tempo, à arquitetura rural e, em especial, às capelas de plantas centralizadas. Disse Myriam Ribeiro que: “A moderna historiografia da arte brasileira do período colonial foi marcada nas décadas de 40 e 60 por três importantes nomes de autores estrangeiros: o francês Germain Bazin, o norte-americano Robert Chester Smith e o inglês John Bury”<sup>32</sup>.

Diversos fatores pesaram para que somente então, a arte colonial brasileira fosse alvo de estudos de maior envergadura. Entre estes, havia o pouco conhecimento da produção que fora a matriz da nossa arte, pois como recorda Vítor Serrão:

Há cerca de quarenta anos, a história da arte portuguesa (e do Mundo Português) estava ainda quase por fazer e escrever a respeito das realizações plásticas dos séculos XVII e XVIII, consideradas de modo negligente, como se entre o brilhante ciclo do ‘manuelino’ e as artes que despontaram no período do Marquês de Pombal quase nada de interessante houvesse sido produzido<sup>33</sup>.

Portanto, o desconhecimento da arte portuguesa não propiciava encontrar as raízes da nossa própria produção artística dos séculos XVII e XVIII. No Brasil, um estímulo foi dado, em 1937, com a criação do Iphan, em torno do qual se congregaram pesquisadores qualificados que imprimiram novos rumos à pesquisa na área. No mesmo ano, foi publicado o primeiro número da *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, a qual, segundo Robert Smith, “suscitou uma revolução no estudo da história da arte brasileira”<sup>34</sup>.

Neste contexto surgiram as obras mais significativas sobre a arte colonial brasileira, vista sob a ótica dos referidos autores estrangeiros: Bazin, Smith e Bury.

Dos três, Germain Bazin teve seu trabalho melhor conhecido devido à publicação de dois livros fundamentais: *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil*, originalmente escrito entre 1956-1958, e *O Aleijadinho e a Escultura Barroca no Brasil*, de 1965.

31 CARVALHO, 2005b: 40.

32 BURY, 1991: 9.

33 SERRÃO, 2000: 289.

34 *Apud*. TOLEDO, 2000: 83.

Bazin estudou a arquitetura religiosa brasileira seguindo uma cronologia, enfocando, em particular, a organização espacial das igrejas e a predominância do tipo de planta longitudinal. Seu estudo foca, prioritariamente, a arquitetura monástica, as construções paroquiais e a arquitetura em Minas Gerais que aguçava a curiosidade dos estudiosos.

Reportando-se à arquitetura religiosa existente no meio rural, disse: “Todos esses templos são de construção rústica, exceto a pequena capela do engenho da Pena, em Santiago do Iguape, no Rio Paraguaçu”. Assim, entre as capelas que integram nosso objeto de estudo, apenas esta foi referida por Bazin, mas com tal intensidade que o levou a considerá-la “um monumento único no Brasil”, por “sua elegância esmerada” e por lembrar o “espírito da Renascença”<sup>35</sup>.

Fez ainda uma analogia entre esta capela e a de Nossa Senhora do Pilar, em Recife, edificada em 1680, a qual possui uma capela-mor quadrada, coberta por cúpula decorada de azulejos de tapete, e terminada por uma abside. São estas as únicas referências de Bazin sobre capelas de planta centralizada, no Brasil, no século XVII<sup>36</sup>.

Por sua vez, Robert Smith foi um dos autores estrangeiros que mais escreveu sobre a arte colonial brasileira, mas a falta de acesso a muitos desses títulos, publicados apenas no exterior, restringiu o conhecimento da sua obra.

Em 1940, Smith publicou o primeiro estudo sobre a Região Nordeste, intitulado *O Caráter da Arquitetura Colonial do Nordeste*. Sua postura, como era habitual, foi comparar a produção brasileira com os modelos de Portugal, sempre subestimando a arquitetura da colônia, como sintetiza na conclusão desse artigo, dizendo:

A arquitetura do Nordeste deste período não é a mais interessante do país. Nunca produziu inovações comparáveis à da torre oval e redonda das igrejas mineiras. É sempre imitada da de Portugal, ou seja da de Lisboa ou das províncias portuguesas [...]. Mas apesar de sua pouca originalidade, de seu caráter às vezes rude e provincial, tem a distinção de traduzir perfeitamente o espírito dessa civilização rural de ‘Arvoredos, Assucar, Água e Ares’<sup>37</sup>.

Para além desta ligação com os “modelos portugueses” da arquitetura de Lisboa, Smith vê no Nordeste uma tendência de “imitar o estilo barroco das igrejas rurais das províncias portuguesas”, identificando, assim, duas raízes que influenciaram a produção na região.

Sobre o acervo edificado existente no Nordeste, disse ser uma das características da região a presença desta “igreja de campo”, sobre as quais pouco se deteve por julgá-las “simples sem a pretensão de ordens clássicas, nem molduras elegantes, a cuja torre baixa falta todo traço de ornamentação”<sup>38</sup>.

Em seu livro sobre *As Artes na Bahia*, publicado em 1954, Smith identificou a existência de um único “plano de igreja de tipo central”, que nunca foi executado. Tratava-se do “desenho de uma capela hexagonal para um proposto seminário jesuíta de N. S. da Conceição, assinado por José Antonio Caldas, em 1751”<sup>39</sup>.

Entre as capelas que integram nosso conjunto em análise, Smith se referiu apenas à de Nossa Senhora da Conceição, quando no artigo denominado *Arquitetura Civil do Período Colonial* tratou sobre a Casa da Torre. No entanto, pouco falou sobre a capela, que julgava ser a única parte quinhentista do edifício ainda existente. Importante registrar são as hipóteses que apresentou para justificar o partido arquitetônico desta casa, cogitando, por exemplo, haver a presença da tratadística italiana fazendo referência direta à obra de Serlio:

35 BAZIN, 1983: 124.

36 BAZIN, 1983: 124-125.

37 SMITH, 1979: 38.

38 SMITH, 1979: 30.

39 SMITH, 1954: 29.

Estas feições eruditas da planta da Torre e sua data antiga levam-nos a crer que o arquiteto desconhecido que a traçou tenha tido em mente os riscos de casas feitas na França por Sebastiano Serlio em meados do século XVI, os quais, juntamente com o resto de seu trabalho publicado, parecem ter sido conhecidos e estudados em Portugal<sup>40</sup>.

Cabe referir um comentário feito por Benedito Lima de Toledo, sobre a necessária parcimônia com que devem ser vistas as conclusões e hipóteses apresentadas por Robert Smith, considerando a “inexperiência do jovem pesquisador”, que não fundamentava suas acertivas na análise de plantas como fez, e bem, John Bury em seu estudo *As igrejas ‘Borromínicas’ do Brasil Colonial*<sup>41</sup>.

Quanto a John Bury, sua obra era quase desconhecida no Brasil, até a publicação, em 1991, do livro intitulado *Arquitetura e Arte no Brasil Colonial*. Neste, está contido o artigo no qual investigou a introdução das “formas curvas e sinuantes” nos edifícios religiosos, em Portugal e no Brasil, focando a análise no desenvolvimento das plantas baixas, com a passagem dos traçados retangulares dos séculos XVI e XVII para as “raras concessões borromínicas”, no século XVIII<sup>42</sup>.

Bury observa haver em Portugal, no final do século XVII, sinais de um novo interesse pelas plantas centralizadas, mas ao associar estas com a produção brasileira, não inclui em sua análise nenhuma das capelas que integram nosso objeto de estudo. Seu olhar estava direcionado para as configurações formais adotadas nos grandes monumentos de Minas Gerais e Rio de Janeiro, não havendo qualquer menção à pequena arquitetura rural do Brasil<sup>43</sup>.

Confirma-se que estes clássicos trabalhos sobre a arquitetura religiosa do Brasil colonial pouco atentaram para a existência do reduzido acervo de capelas com plantas centralizadas situadas no meio rural, talvez porque tivessem por meta revelar um considerável conjunto arquitetônico, disperso por todo o país e ainda pouco estudado.

No entanto, surgiram outras contribuições que trouxeram dados relevantes para o presente estudo. Na década de 1980, foi realizado pelo IPAC um inventário de arquitetura que reuniu informações sobre o acervo patrimonial da Bahia, incluindo as capelas que integram a Casa da Torre e os engenhos Velho e D’Água.

Além das informações históricas que disponibilizaram, os autores deste inventário levantaram possíveis filiações entre estas capelas e a similar produção portuguesa, encaminhando a busca de referências para entender a presença deste partido arquitetônico na Bahia.

Para a capela de Nossa Senhora da Conceição, não encontraram um exemplo anterior em Portugal senão coevo: São Gregório de Tomar, também edificada no século XVI. Mas sendo o partido geral da Casa da Torre atribuído a uma influência renascentista, absorvida através do tratado de Serlio, o mesmo se pode aplicar à capela, cuja forma hexagonal era recomendada para os templos de planta centralizada<sup>44</sup>. Posição oposta assume Alberto Sousa, atentando para o aspecto externo do edifício onde a ausência de pilastras de canto e do entablamento contínuo, distancia esta capela dos modelos serlianos<sup>45</sup>.

Por sua vez, a Capela de Nossa Senhora da Conceição teria servido de referência para a de Bom Jesus de Bouças, cuja planta octogonal também foi associada à arquitetura de plano centrado renascentista<sup>46</sup>. Na correspondência com os exemplos portugueses foram citadas as capelas da Madre de Deus, em Aveiro, e

40 SMITH, 1981: 109.

41 TOLEDO, 2000: 90-92.

42 BURY, 1991: 103.

43 BURY, 199: 121.

44 BAHIA, 1982b: 90.

45 SOUSA, 2007: n.n.

46 BAHIA, 1982b: 90.

novamente a de São Gregório, em Tomar, com a qual mais se assemelha, por estar a nave octogonal envolvida por um alpendre e elevada acima dos outros elementos do programa, embora a capela portuguesa seja recoberta por cúpula<sup>47</sup>.

Sobre a Capela de Nossa Senhora da Pena, seu partido de planta quadrada com cúpula também foi associado ao espírito do Renascimento. Não foi descartada a possível influência de outros exemplares baianos: Nossa Senhora da Conceição, onde fora usada a solução de uma cúpula sobre a nave, e Nossa Senhora das Neves, na Ilha de Maré, cuja capela-mor, em forma de abside é recoberta por meia cúpula<sup>48</sup>.

Para a Capela de São Gonçalo, os modelos foram apontados por Alberto Sousa: a Capela do Senhor dos Aflitos, em Lamarosa, embora a referência mais evidente seja a Capela de Nossa Senhora da Encarnação, em Santa Maria da Feira. Ambas têm planta em hexágono, forma explorada por Serlio em seu tratado publicado em 1547, de onde teria origem, também, o uso das pilastras de canto e do entablamento contínuo, traços marcantes da sua imagem<sup>49</sup>. Portanto, para Alberto Sousa a capela de São Gonçalo tem uma influência serliana, quer seja direta ou indireta<sup>50</sup>.

Verifica-se, portanto, uma constante associação com os modelos portugueses e com a tratadística italiana, já preconizada por Bazin e, principalmente por Smith, que se refere especificamente a Serlio. Cabe agora procurar situar a relação existente entre a referida arquitetura religiosa portuguesa de planta centralizada, datada dos séculos XVI e XVII, e a presença da tratadística italiana na concepção da mesma, pois este se apresenta como o caminho mais óbvio para que chegassem às nossas capelas do Nordeste do Brasil os ecos do Renascimento italiano.

## 6. O plano centralizado em Portugal no século XVII: entre o popular e o erudito

Assim como detectado na historiografia da arquitetura religiosa brasileira, ocorre que os templos de planta centralizada em Portugal, não foram alvo de estudos sistemáticos, com exceção do trabalho de Paulo Varela Gomes, dedicado a este tipo edificado. Com base neste autor e em outros que trataram periféricamente o tema, procuramos visualizar esta arquitetura.

É recorrente na historiografia da arte portuguesa ser apontada a Igreja de Nossa Senhora da Piedade de Santarém como um marco da retomada dos planos centralizados em Portugal, no século XVII, em oposição ao plano longitudinal maneirista, recomendado pela Contra-Reforma. É esta igreja referida, também, como o início de um novo ciclo da arquitetura vinculado à Restauração portuguesa, que vai ao encontro de um “nacionalismo” interrompido durante os sessenta anos da União das Coroas Ibéricas.

Sob a ótica de José Fernandes Pereira, a Igreja da Piedade é “seguramente um primeiro e decisivo momento de ruptura com o passado, anunciando uma tipologia que no barroco será dominante”<sup>51</sup>. Vítor Serrão reforça o papel emblemático desta igreja observando que com ela o “plano centralizado renasce com valor eminentemente simbólico e adequado às novas necessidades programáticas do tempo, em que se impunha exaltar as virtualidades nacionalistas”<sup>52</sup>.

É certo que, durante o século XVI, tais planos tiveram alguma divulgação, principalmente no Alentejo, onde se encontra, por exemplo, a Igreja de Nossa Senhora da Consolação, em Elvas, edificada provavelmente, na

47 BAHIA, 1982b: 186.

48 BAHIA, 1982a: 122.

49 SERLIO, 1982: V, fol. 6.

50 SOUSA, 2007: n.n.

51 PEREIRA, 1986: 22.

52 SERRÃO, 2003: 132.

década de 1540, cuja planta em octógono regular seguia os planos centralizados renascentistas<sup>53</sup>. No entanto, a censura contra-reformista inibiu “ao menos na sua expressão mais erudita” esta prática que o Renascimento desenvolvera, sendo retomada, progressivamente, com a introdução da linguagem formal do Barroco, no século XVII<sup>54</sup>.

Identifica-se que os templos de planta centralizada, datados das primeiras décadas do século XVII, eram, geralmente, de pequenas dimensões, citando, como exemplo, a Capela de São Sebastião, na Ericeira, obra que conjuga uma planta hexagonal com revestimento integral de azulejos em seu interior<sup>55</sup>.

Os templos de maior envergadura surgiram com a independência, em 1640, que trouxe para Portugal novas possibilidades no campo artístico, sendo este percurso iniciado com a já referida Igreja de Santarém, peça-chave deste ciclo. Teve continuidade, lentamente, com outros projetos de partido centralizado que se tornaram referência para a historiografia da arte portuguesa, por apresentarem soluções arquitetônicas que se afastavam da anterior produção renascentista de mesmo partido, ou de uma tradição popular já estabelecida, para assumir formas do barroco internacional<sup>56</sup>.

Entre os projetos de maior evidência no século XVII português, os historiadores citam a capela do Convento do Bom Sucesso de Belém, em Lisboa, aberta ao culto em 1670. Segundo Paulo Varela Gomes, esta “é uma das mais correctas obras da história da arquitectura portuguesa e a sua influência tipológica foi determinante em toda a segunda metade do século XVII”. Tem nave octogonal, coberta por cúpula, levando Paulo Varela Gomes a associá-la ao desenho de um templo hexagonal que consta no Livro V do tratado de Serlio<sup>57</sup>.

É sempre referida, também, a Igreja de Santa Engrácia, em Lisboa, concebida em cruz grega, em 1683, pelo arquiteto régio João Antunes. O fato de existirem outros projetos para esta igreja leva a supor ter havido um concurso para sua execução, sendo relevante perceber que todos estes projetos adotaram o partido de um plano centralizado<sup>58</sup>.

Este percurso adentra o século XVIII, e já em 1705 teve início a construção do Santuário do Bom Jesus de Barcelos, cuja planta, concebida por João Nunes, “não parece ter precedentes dentro ou fora das fronteiras de Portugal”, por sua originalidade. No exterior, predomina a austeridade decorativa, com o contraste entre as paredes brancas e o granito utilizado nas pilastras de ângulos e na cornija<sup>59</sup>.

Em paralelo a esta produção de templos centralizados de maior escala e situados em meio urbano, ocorria a construção de dezenas de ermidas rurais com similar partido, as quais Vítor Serrão vincula à continuidade da tradição que remontava à centúria precedente<sup>60</sup>.

Estas são de singular importância para nosso estudo, devido às seguintes características que as aproxima da realidade brasileira: são de pequenas dimensões, muitas foram edificadas por particulares, por irmandades ou pela própria população; estão fora de núcleos urbanos importantes e quase sempre no campo.

Embora constituam um universo ainda pouco estudado pelos historiadores da arte, todos se reportam à existência de grupos regionais, situados principalmente, em torno a Coimbra, Aveiro, Braga e no Alentejo, os quais, segundo Vítor Serrão, “reclamam análise de conjunto”<sup>61</sup>.

53 GOMES, 2001: 96.

54 PEREIRA, 1986: 12.

55 PEREIRA, 1986: 13.

56 SERRÃO, 2003: 134.

57 GOMES, 2001: 126.

58 GOMES, 2001: 272.

59 GOMES, 2001: 291.

60 SERRÃO, 2003: 132.

61 SERRÃO, 2003: 132.



Referindo à região de Coimbra, José Fernandes Pereira cita a Capela do Senhor dos Aflitos, em Lamarosa, edificada no terceiro quartel do século XVII. Tem planta hexagonal, marcada externamente por pilastras dóricas, coberta por cúpula hexagonal forrada de azulejos e coroada por pináculo<sup>62</sup>. A ela se reportou Alberto Sousa ao buscar precedentes para a Capela de São Gonçalo, na Paraíba, pois guardam semelhança no uso das pilastras de canto e da cúpula<sup>63</sup>.

Em Marinha das Ondas, no Concelho de Figueira da Foz, há a Capela de Nossa Senhora da Ceixa, datada de 1602, sendo resultado da reconstrução do templo anterior que ruiu em 1590. Seu corpo central octogonal está envolvido por um alpendre apoiado em colunata de ordem dórica, partido também adotado na Capela do Senhor Bom Jesus de Bouças, na Bahia, edificada em meados do século XVII e reconstruída em 1763<sup>64</sup>.

No litoral do distrito de Aveiro, situa-se o grupo regional considerado pelos historiadores como o mais importante, integrando-o, por exemplo, as seguintes capelas com plano circular: São Bartolomeu, edificada ainda do século XVI e situada na cidade de Aveiro; São Simão, datada de 1609, localizada em Bunheiro, no concelho de Murtosa; Santo Antônio, iniciada em data incerta do século XVII e São Sebastião, de 1614, ambas no concelho de Vagos<sup>65</sup>.

Algumas das capelas que fazem parte do grupo regional de Aveiro são de particular interesse para nosso estudo, devido a uma possível adoção de modelos. Entre estas, citamos a de Nossa Senhora das Areias, situada em São Jacinto, construída em data incerta. Externamente, seu volume hexagonal é definido por pilastras toscanas que interceptam a cornija encimada por ático. Tem destaque a portada terminada com frontão curvo e interrompido<sup>66</sup>.

De singular importância, também, é a Capela da Madre de Deus, na cidade de Aveiro, cuja planta hexagonal se insere em um volume quadrático que faz recordar a Capela de Nossa Senhora da Pena, na Bahia. Apesar da simplicidade decorativa do seu exterior, denota um maior cuidado em relação às demais capelas de caráter rural, com destaque para a cornija balaustrada que percorre todo o perímetro exterior e a torre sineira que está no eixo do portal principal<sup>67</sup>.

É relevante atentar para as características similares que aproximam algumas capelas brasileiras daquela de Nossa Senhora da Encarnação, situada junto à muralha do Castelo de Santa Maria da Feira. Datada de 1656, tem nave hexagonal coberta por cúpula dividida em setores triangulares cilíndricos. Externamente as paredes brancas contrastam com a cantaria da cornija, da portada e das pilastras colocadas nos ângulos do volume edificado<sup>68</sup>. Este tratamento de fachada faz reportar às capelas de Nossa Senhora da Pena, na Bahia e de São Gonçalo, na Paraíba, a qual tem também planta hexagonal.

Embora edificada em data posterior ao conjunto de capelas brasileiras em estudo, vale referir ao Senhor das Barrocas, em Aveiro. Associamos o partido desta ao da Capela de São Gonçalo do Engenho Una, percebendo que ambas desenvolvem idêntico modelo, com nave poligonal e capela-mor retangular e saliente em relação ao volume da nave, bem como utilizam pilastras nos vértices do volume poligonal. Consideram os historiadores que se as demais capelas centralizadas foram concebidas com um grau de erudição muito variável, o Senhor das Barrocas é enquadrada no denominado barroco joanino, de forte pendor italianizante e erudito que “ultrapassa o círculo provincial das obras seiscentistas”<sup>69</sup>.

62 PEREIRA, 1986: 23.

63 SOUSA, 2007: n.n.

64 PEREIRA, 1986: 23.

65 PEREIRA, 1986: 23.

66 PEREIRA, 1986: 24.

67 PEREIRA, 1986: 24.

68 PEREIRA, 1986: 27.

69 SERRÃO, 2003: 133.

Este é um dos escassos comentários emitidos pelos autores sobre a filiação desta arquitetura, pois não se detém em analisar as edificações, apenas as descrevem. Talvez, não por acaso, se percebe que entre os exemplares por eles referidos há sempre resquícios de uma certa erudição.

As filiações a modelos são ainda mais ausentes quando se trata do grupo regional do Alentejo, onde há um número considerável deste tipo de templo. Sobre estes também observou José Fernandes Pereira que foram concebidos “conjugando prováveis reminiscências locais, com influências de um renascimento erudito”, presente em edifícios quinhentistas, como a já citada igreja das Dominicais de Elvas<sup>70</sup>.

Na bibliografia a que tivemos acesso, são restritas as informações sobre o grupo alentejano. Apenas José Fernandes Pereira listou algumas das ermidas existentes principalmente no distrito de Évora: Santo Ildefonso, em Vila Viçosa; Nossa Senhora da Giesteira, São Pedro e São Lourenço dos Olivais, em Portel; São Cláudio, em Borba; Santo Antônio, em Alandroal, Senhor Jesus das Necessidades, em Montemor-o-Novo<sup>71</sup>.

Estas capelas estão enumeradas, mas sem acrescentar muitas informações sobre as características tipológicas, fato que nos limita no sentido de relacioná-las com a produção brasileira e restringe a análise comparativa às capelas nortenhas, já referidas.

Aqui retomamos as observações feitas por Myriam Ribeiro e Vítor Serrão quanto às defasagens que existiam, e ainda existem, na historiografia da arquitetura religiosa luso-brasileira, uma vez que nosso estudo encontra mais um obstáculo frente aos poucos trabalhos disponíveis sobre estas capelas rurais de planta centralizada, em Portugal e no Brasil.

Mesmo assim, tentaremos concluir tecendo algumas considerações sobre a questão, pois diante de tantas lacunas ainda existentes no conhecimento sobre esta arquitetura, não é seguro assumir uma posição conclusiva.

### **Algumas considerações finais, mas não uma conclusão**

Recordemos o nosso ponto de partida: verificar a pertinência dos dois percursos apontados pelos historiadores da arte para explicar a presença do partido de planta centralizada na remota área rural da Região Nordeste do Brasil. A primeira hipótese seria a transferência de modelos oriundos de uma “tradição popular” portuguesa. Neste percurso, deparamos com um impasse: a própria historiografia portuguesa não dá respostas sobre esta questão, uma vez que os estudos disponíveis não aprofundaram no tratamento das pequenas capelas rurais de planta centralizada em Portugal.

Ocorre que dentro do restrito número de capelas rurais citadas pelos historiadores portugueses, comparecem, muito mais, aquelas que caracterizam estar próximas de uma linguagem erudita. Embora os autores consultados não se detenham em relacionar estes templos com a tratadística italiana, verifica-se que, quando assim procedem, têm por referência a obra de Serlio.

Paulo Varela Gomes, por diversas vezes cita o tratado de Serlio, em específico, os “desenhos do templo octogonal”, publicado pela primeira vez no seu Livro V, de 1547. Entre os templos apresentados neste livro serliano, predominam as plantas centralizadas: círculos, hexágonos, octógonos, cruz grega. Nas elevações e cortes, comparecem pilastras que fazem a marcação dos panos de parede e o enquadramento das aberturas, somando-se cornijas, entablamentos e cúpulas. Todo um repertório formal que, com maior ou menor evidência, permeia muitas das capelas portuguesas citadas, assim como as capelas do Nordeste, em análise.

A mesma associação fizeram os historiadores brasileiros. O “espírito da Renascença” foi a expressão utilizada por Bazin para caracterizar a Capela de Nossa Senhora da Pena, do Engenho Velho. Por sua vez, Robert

70 PEREIRA, 1986: 27.

71 PEREIRA, 1986: 27-28.

Smith se referiu diretamente a obra de Serlio para justificar o partido da Casa da Torre de Garcia D'Ávila. Estas alusões dão suporte à hipótese da influência do Renascimento italiano sobre as capelas rurais do Nordeste brasileiro.

Verifica-se, também, que os autores brasileiros buscaram estabelecer comparações entre exemplares portugueses e a produção brasileira. Para tanto, selecionaram algumas das capelas presentes na historiografia portuguesa, coincidentemente, aquelas que parecem ter uma maior carga de “erudição”. Não por acaso, pois buscavam as ressonâncias daquele “espírito renascentista”, referido por Bazin, o qual traduziram no uso das plantas em polígonos regulares, das cúpulas, pilastras e cornijas delimitando os panos de alvenaria das fachadas. Talvez uma análise epidérmica, mas a possível, diante da defasagem de conhecimento ainda existente sobre este tipo edificado.

Alberto Sousa, ao analisar a Capela de São Gonçalo do Engenho Una, adotou como modelo o mesmo desenho contido no Livro V de Serlio, referido por Paulo Varela Gomes. Por sua vez, Juliano Carvalho caracterizou esta mesma capela como um exemplo do “estilo chão português”. Mas diz José Fernandes Pereira que chã é, “de alguma forma, toda a arquitectura portuguesa”.

Portanto, confirma-se haver ainda um longo percurso investigativo a trilhar, até ser possível identificar quais foram os modelos de arquitetura que apoiaram os incógnitos construtores das capelas de planta centralizada hoje quase esquecidas na paisagem rural do Nordeste brasileiro.

Perante tal situação, assumimos uma posição: julgamos que estas capelas estão, de fato, muito mais próximas de modelos eruditos, trazendo ecos da tratadística italiana. Têm, também, uma imagem que não se afasta dos volumes maciços e brancos que caracterizam a arquitetura portuguesa, demonstrando, certamente, a capacidade de articular diversas referências de arquitetura sem deixar de lado uma identidade própria. Por ora, assumimos esta posição, que não deve ser definitiva, pois para tanto se faz necessário aprofundar no conhecimento sobre este tipo edificado, em Portugal e no Brasil. Mas esperamos ter dado mais um passo sobre o estudo desta questão avançando na concretização de uma das hipóteses preliminares.

## Bibliografia

- ANDRADE, Adriano Bittencourt, 2010 – *O outro lado da Baía: a rede urbana do Recôncavo Baiano setecentista*. Salvador: UFBA/ Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (tese de doutoramento).
- ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de, 1955 – “Capelas Rurais”. *Módulo*. Rio de Janeiro, ano 1, n.º 1, p. 12-19.
- AZEVEDO, Esterzilda Berenstein de, 1990 – *Arquitetura do Açúcar*. São Paulo: Nobel.
- AZEVEDO, Paulo Ormino de, 2010 – “Casa da Torre de Garcia D'Ávila e Capela de Nossa Senhora da Conceição” in MATTOSO, José (org.) – *Patrimônio de Origem Portuguesa no Mundo. Arquitetura e Urbanismo. América do Sul*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 133-134.
- BAHIA. Secretaria da Indústria e Comércio, 1982a – *IPAC-BA. Inventário de proteção do acervo cultural. Monumentos e Sítios do Recôncavo*. II Parte. Salvador.
- BAHIA. Secretaria da Indústria e Comércio, 1982b – *IPAC-BA. Inventário de proteção do acervo cultural. Monumentos e Sítios do Recôncavo*. I Parte. 2ª ed. Salvador.
- BALDESSARINI, Sonia Ricon, 2001 – *A arquitetura da Casa da Torre de Garcia D'Ávila*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo; FUNCEB; EGBA.
- BURY, John, 1991 – *Arquitetura e Arte no Brasil Colonial*. São Paulo: Nobel.
- CALMON, Pedro, 1983 – *História da Casa da Torre: uma dinastia de pioneiros*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia.
- CARDIM, Fernão, 1939 – *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- CARVALHO, Juliano Loureiro de, 2005a – *Pré-inventário dos engenhos da várzea do Rio Paraíba*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba (monografia de conclusão do curso de Arquitetura), 2 vols.
- CARVALHO, Juliano Loureiro de, 2005b – “Capelas rurais da várzea do Paraíba: a construção de séries como metodologia para a história da arquitetura”. *Pergaminho*. João Pessoa, ano 1, n.º 0, p. 31-51.

- FONSECA, Fernando L., 1975 – *O Convento de São Francisco do Conde*. Salvador: Museu do Recôncavo Wanderley Pinho.
- GANDAVO, Pero de Magalhães, 1980 – *Tratado da Terra do Brasil. História da Província Santa Cruz*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp.
- GOMES, Geraldo, 1998 – *Engenho & Arquitetura*. Recife: Fundação Gilberto Freyre.
- GOMES, Paulo Varela, 2001 – *Arquitetura, Religião e Política em Portugal no Século XVII. A Planta Centralizada*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.
- JOHNSON, H. B. A., 2004 – “Colonização Portuguesa do Brasil, 1500-1580” in BETHELL, Leslie (org.) – *América Latina Colonial*. São Paulo: Edusp; Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, vol. 1. p. 241-281.
- PEREIRA, José Fernandes, 1986 – “Resistência e aceitação do espaço barroco: a arquitetura religiosa e civil” in MOURA, Carlos (org.) – *História da Arte em Portugal. O Limiar do Barroco*. Lisboa: Alfa, p. 9-65.
- OTT, Carlos, 1984 – *Monumentos Históricas e Artísticas do Município de São Francisco do Conde*. Salvador: s.n.
- SERLIO, Sebastiano, 1982 – *The Five Books of Architecture*. New York: Dover Publication.
- SERRÃO, Vítor, 2000 – “Entre Robert Smith e Flávio Gonçalves, um percurso pelo barroco luso-brasileiro” in *Robert C. Smith 1912-1975. A investigação na História de Arte*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 289-299.
- SERRÃO, Vítor, 2003 – *O Barroco*. Lisboa: Presença.
- SMITH, Robert C., 1954 – *As Artes na Bahia. I Parte – A Arquitetura Colonial*. Salvador: Prefeitura Municipal de Salvador.
- SMITH, Robert C., 1979 – *Igrejas, Casas e Móveis. Aspectos da Arte Colonial Brasileira*. Recife: MEC; Universidade Federal de Pernambuco; Iphan.
- SMITH, Robert C., 1981 – “Arquitetura Civil do Período Colonial” in *Arquitetura Civil I*. São Paulo: MEC; Iphan; FAUSP, p. 95-190.
- SOUSA, Alberto, 2007 – “Uma igreja brasileira de planta hexagonal: a capela do antigo Engenho Una, na Paraíba”. *Arquitextos*. São Paulo: Vitruvius. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.080/277>> [consult. 12 Ago. 2010].
- SOUSA, Gabriel Soares de, 2000 – *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana.
- SUMMARIO das armadas que se fizeram, e guerras que se deram na conquista do rio Parayba; escripto e feito por mandado do muito reverendo padre em Christo, o padre Chistovam de Gouveia, visitador da Companhia de Jesus, de toda a provincia do Brasil, 1848. Iris*. Rio de Janeiro, vol. I.
- TOLEDO, Benedito Lima de, 2000 – “Robert Chester Smith e a arquitetura no Brasil” in *Robert C. Smith 1912-1975. A investigação na História de Arte*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 83-107.